história e-história

PUBLICAÇÃO ORGANIZADA COM APOIO DO GRUPO DE PESQUISA ARQUEOLOGIA HISTÓRICA DA UNICAMP

ISSN 1807-1783 atualizado em 14 de maio de 2014



Editorial
Expediente
De Historiadores
Dos Alunos
Arqueologia
Perspectivas
Professores
Entrevistas
Reportagens
Artigos
Resenhas
Envio de Artigos
Eventos
Curtas
Instituições Associadas
Nossos Links

Destaques
Fale Conosco
Cadastro
Newsletter

ARQUEOLOGIA

# À Beira das Atalaias: Arqueologia de Ambientes Aquáticos nos Faróis de Aracaju

por Marcel Raely F. G. Nascimento, Davisson S. Oliveira, Eric Marcel S. Lima, Felipe do N. Rodrigues, Roberta da S. Rosa, Thaysa Mirths A. dos Santos, Vinicius Pedra, Wendson N. Barbosa e Leandro Domingues Duran

Sobre os autores[1]

Sobre Leandro Domingues Duran[2]

## INTRODUÇÃO

*"O Homem do mar é quem mais sabe sobre a felicidade de avistar um farol. É como rever um amigo. Na costa deste nosso Brasil Continental existem centenas desses amigos feitos de luz, aço, concreto e madeira, guiando aqueles que vivem no mar" Ney Dantas.*

Dentro do âmbito da Arqueologia de Ambientes Aquáticos, o referente artigo vem a tratar da temática cultura faroleira, presente no território aracajuano. Pesquisas arqueológicas sobre equipamentos náuticos de sinalização, como os faróis marítimos ainda são incipientes no Brasil, tendo se restringido aos trabalhos de DURAN (2008) e RIBEIRO, RAMBELLI; SANTOS (2012). Nesse sentido, utilizando-nos das evidências materiais dos faróis presentes no município de Aracaju, Sergipe, da historiografia especializada sobre os mesmos e da experiência das pessoas a eles relacionados, buscamos entender as transformações e permanências ocorridas nessas estruturas paisagísticas, e o que cada uma delas representou e ainda representa no contexto social de suas épocas, não apenas para Sergipe, mas também para o contexto brasileiro de uma maneira geral. Essa pesquisa foi pensada como parte do trabalhados desenvolvidos na disciplina arqueologia de ambientes aquáticos II, junto ao Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), e sob a orientação do professor Dr. Leandro Domingues Duran.

Antes de iniciarmos nossa abordagem sobre os faróis aracajuanos é necessário que façamos uma breve incursão pela trajetória histórica desse tipo de estrutura de sinalização marítima. Assim, partindo de uma perspectiva mundial, achados arqueológicos e estudos historiográficos atestam que os primeiros faróis teriam surgido já na antiguidade, inicialmente elaborados

sob a forma de grandes fogueiras acesas no alto de montanhas ou pontos elevados ao longo da costa, com intuito de sinalizar para os navegadores a presença de portos e eventuais obstáculos à navegação.

Com o passar do tempo e com o avanço tecnológico, os faróis como conhecemos hoje sofreram mudanças tanto na sua estrutura quanto na forma de iluminação. Assim, das antigas fogueiras, passou-se ao uso de estruturas construídas em madeira ou pedra que, posteriormente foram substituídas por edificações em alvenaria de tijolos e ferro fundido. Além disso, pode-se observar profundas alterações nas fontes de energia utilizadas, com a lenha sendo substituída pelos óleos de origem animal e mineral, o gás acetileno e, por fim, a energia elétrica[3].

Para se notar a importância que os faróis têm no decorrer da história da humanidade, temos o farol de Alexandria, considerado como uma das sete maravilhas do mundo Antigo por Antipatro entre 150 e 120 a.C.. Construído no ano de 280 a.C. com a finalidade de sinalizar o porto de Alexandria e facilitar a navegação na costa norte do Egito, então, um dos locais de maior trânsito naval, "o Farol", como é comumente chamado, transformou-se um verdadeiro arquétipo desse tipo de estrutura. Seus restos ainda jazem no fundo do mar e formam, junto com outros elementos arquitetônicos um dos sítios arqueológicos subaquáticos mais importantes da Antiguidade.

Atualmente, alguns faróis são consagrados com o título de patrimônio mundial pelo seu caráter arquitetônico, sua relevância cultural para a humanidade, sua vinculação com um reconhecimento acerca da sua importância para o comércio mundial e acima de tudo para as vidas de quem vive do e no ambiente marítimo. Um exemplo dessa situação é o farol da Guia que está localizado na península de Macau, na costa do mar do sul da China. Outro local que merece destaque é a torre de Hércules, este ainda preservado, com seus atuais 57 metros de altura, existente desde o século II d.C., sendo um dos faróis mais antigos do mundo em uso constante. Devido a sua importância histórico-cultural foi declarado patrimônio mundial da UNESCO em 2009.

No Brasil, alguns exemplos de faróis declarados como patrimônio são: o Farol da Barra em Salvador - BA e o Farol da Farolândia em Aracaju - SE. O Farol da Barra, considerado por Baez[4] o mais antigo do continente, foi construído dentro do forte de Santo Antônio da Barra, na Bahia de Todos os Santos no século XVIII, como uma medida de prevenção, após o naufrágio do Galeão Sacramento em 1668, então o orgulho da frota portuguesa, onde pereceram importantes dignitários da administração colonial.

Como mencionado anteriormente, no campo da arqueologia brasileira são poucos os trabalhos relacionados ao tema. Dois exemplos que podemos citar são: a tese de doutoramento de Leandro Duran, que inclui uma reflexão arqueológica sobre o farol do Bom Abrigo, construído em 1886 na Ilha do Bom Abrigo, litoral sul do estado de São Paulo[5]; e, mais recentemente, em 2011, o parecer técnico do IPHAN sobre o Farol São Francisco do Norte, da segunda metade o século XVIII, localizado no antigo povoado Cabeço, Ilha de Arampibe, município de Brejo Grande, na região do Baixo São Francisco, que se tornou o primeiro sítio arqueológico submerso do estado de Sergipe por encontrar-se semi-submerso e sem condições de funcionamento[6].

Para tratarmos da cultura faroleira em Aracaju decidimos trabalhar com as três diferentes estruturas faroleiras da região, a saber: Farol de Aracaju, Rádio Farol de Sergipe e Farol de São Cristóvão. Na arqueologia elas podem ser consideradas como mega-artefatos e entendidas como parte integrante da interpretação de uma cultura de ambientes aquáticos. No caso do objeto de nossa pesquisa, especificamente fazem parte da cultura marítima[7].

Se observarmos a cultura faroleira no âmbito geral, vamos nos deparar com uma grande variedade de estilos arquitetônicos, matérias primas, graus de tecnologias utilizadas, assim como na importância histórica que cada estilo arquitetônico agrega a seu contexto.

Dessa forma, como ponto de partida de nossas reflexões, utilizaremos de uma metodologia comparativa para análise desses mega-artefatos, afim de entender as diferentes realidades as quais os faróis de Aracaju estiveram sujeitos, destacando seu nível de importância regional em suas diferentes épocas.

A análise comparativa vai nos permitir estudar esses "baluartes" da cultura faroleira, correlacionando suas similaridades e diferenças no que se refere aos seus contextos sincrônicos e diacrônicos), visto que podem ser considerados como uma mesma categoria tipológica no âmbito dos equipamentos de sinalização náutica. Para tanto, foram realizadas etapas de campo para o mapeamento das principais características arquitetônicas de cada um dos faróis e de suas relações paisagísticas, além do levantamento de referências iconográficas, fontes documentais, informações orais e bibliográficas.

**FARÓIS DE ARACAJU**

A funcionalidade dos faróis está relacionada à orientação das embarcações no ambiente aquático, para que trafeguem de forma segura, deslocando cargas e pessoas de um ponto a outro. Na capital sergipana, a

primeira construção desse tipo, oficialmente só ocorreu a partir de 1861, com a criação do Farol de Aracaju.

Conforme a descrição de Ney Dantas[8], o presidente da Província de Sergipe, em 1854, teria remetido ao Governo uma planta com orçamento para a criação do farol na foz e na margem direito do então chamado rio Cotinguiba ou Aracaju, localidade onde se encontrava o território aracajuano. Em decorrência da aceitação do pedido, em 1860, foram encomendados da Inglaterra uma lanterna (possuía três faces, luz fixa com três tipos de cores verde, branca e encarnada) e acessórios, que um ano depois foram acoplados a uma armação de madeira, que passou a servir de Atalaia, tendo um alcance visual entre seis e nove milhas náuticas (equivalente a 11-16 km).

Um acontecimento de âmbito nacional que precedeu a criação do Farol de Aracaju, e esteve diretamente ligado ao processo para a criação do mesmo no litoral sergipano, foi o surgimento da Junta de Navegação. Segundo Baez[9], essa ação governamental iniciou-se ainda na primeira metade do século XIX, visando um controle maior da atividade mercante e a busca por uma maior segurança da navegação na costa do Brasil, o que resultou na organização das Capitanias dos Portos do Brasil em 14 de agosto de 1845, instituições quem passaram ser responsáveis pela organização dos mecanismos de sinalização marítimas nas províncias.[10]

As ações que o Governo passou a tomar perante as questões de navegação marítima eram justificadas pelo fato de que os ambientes marítimos eram, então, o principal meio de deslocamento de mercadorias e passageiros tanto no nível nacional, quanto no nível internacional. Logo, a construção de faróis, neste período, teve um peso relevante tanto para a organização e modernização do transito naval, como na atividade comercial[11].

Para situarmos o que estava ocorrendo no século XIX, Sergipe estava em pleno desenvolvimento urbano e comercial, sendo que em 1855 já havia ocorrido a mudança da capital de São Cristóvão para Aracaju, justificada, principalmente pela necessidade de instalações portuárias de maior porte para facilitar o escoamento da produção.

Duas décadas após sua inauguração, o primeiro farol de Aracaju em madeira ameaçava ruir, o que sem a devida manutenção acabou por acontecer, na noite de 27 de março de 1884, quando foi consumido por um incêndio[12]. Vale ressaltar que, na cota positiva, não existem mais vestígios dessa primeira edificação. Como medida provisória, foi instalada uma torre temporária que durou até 1886, quando se deu o começo da construção do novo

farol que deveria receber o aparelho luminoso de 3ª ordem, grande modelo, encomendado em 1885 à casa de *Barbier, Benard & Turenne* (Paris)[13].

Figura 1 - Farol de Aracaju, Século XX.

Fonte: http://www.leuchtturm-welt.net/HTML/SAPK/ORIGINAL/ARACAJU.JPG

A nova torre inaugurada em 7 de setembro de 1888, de composição francesa projetada pelo francês Vitor Alinguat[14], teve por característica o sistema Mitchell de construção, nome em homenagem ao seu criador Alexander Mitchell, em 1828. O esquema consistiria numa torre esqueleto ou sobre esteio de roscas composta por ferro fundido, um tubulão central que servia como residência, apresentando helicoidais de 1,2m de diâmetro e que atingiam profundidades entre cinco e dez metros[15].

Era um sistema simples e eficaz de construção de faróis em águas profundas, bancos de lama e areia com fixação de balizas de navios de amarração. Este método foi testado pela primeira vez em 1838, sobre o estuário do rio Tâmisa[16].

Dentro do território aracajuano, esse estilo de farol adaptado a terrenos instáveis acabou por funcionar perfeitamente aos interesses de seus construtores, uma vez que na época de sua criação, o local escolhido para sua instalação era repleto de dunas e circundado por um ambiente fluvial extremamente dinâmico, inadequado à estruturas de alvenaria (ver figura 1). Todavia, o transporte do equipamento do Farol de Aracaju até o localidade de construção não foi simples. De acordo com Ney Dantas, no livro de Siqueira (2002), o equipamento da torre não foi entregue na cidade de Aracaju por motivos de difícil acesso de embarcações de maior calado ao porto da cidade. Assim coube a cidade de Salvador, local de sede do Arsenal da Marinha, receber a carga e ajudar no transporte até Aracaju, o que exigiu muito trabalho, devido ao grande peso da estrutura e a delicadeza dos prismas de cristal da lanterna.

No que se refere a esses prismas de cristal, outro componente do Farol de Aracaju que se destacava na época, e ainda considerado de otima qualidade é a lente tipo Fresnel. Sendo um dispositivo que possui propriedades refratoras que permitem seu uso para coletar raios paralelos de radiação (visível ou infravermelha), concentrando-os num único ponto denominado foco.

Esse tipo de lente se sobressaia em comparação as demais convencionais devido a sua configuração de anéis circulares concêntricos sucessivos numa sua superfície, que proporcionam um aumento na distância da luz emitida pela lanterna, sendo também uma lente de espessura e volume menores.

Com esses aspectos apresentados, podemos aferir que a instalação de uma torre de avançada tecnologia, que é o caso da torre de Mitchell acoplada de uma lente Fresnel, semelhante em nível de potencial tecnológico, foi de suma importância para o desenvolvimento do comercio marítimo sergipano com o exterior, no final do século XIX.

Já na segunda metade do século XX, o farol estava interferindo de forma direta na dinâmica do crescimento vertical de um importante ponto de expansão da malha urbana de Aracaju, sendo alvo de críticas da especulação imobiliária que almejava poder construir livremente na localidade[17]. Na década de 1990 devido a essas pressões, transferiram o equipamento luminoso e a responsabilidade do Farol de Aracaju para o substituto, o Rádio Farol de Sergipe, inaugurado em 12 julho de 1991, localizado no Bairro Coroa do Meio, criado por um amplo aterro realizado na década de 1980.

Segundo Andréa Filgueiras[18], no ano de 1995 as estruturas do antigo farol foram tombadas pelo patrimônio histórico e artístico de Sergipe, numa esfera estadual através do decreto 15.242 de 21 de abril. Em 1999 a

antiga torre foi incendiada criminalmente e várias manifestações foram realizadas a favor de sua revitalização.

Figura 2 - Farol de Aracaju após revitalização de 2009. (10° 58'14.32"S 37° 3'19.26"O)

Autor: Felipe do N. Rodrigues, 2014.

Durante o período compreendido entre a desativação e o início da revitalização esse farol se encontrava totalmente deteriorado e a área onde se implantou a atual praça Tenente Domingues Fontes (ver figura 2) era tomada por vegetações mal cuidadas, resultando em um ambiente impróprio para circulação da população.

A obra de restauração começou a ser executada em 2008. Antes disso, em 2006 a estrutura teria recebido uma intervenção, realizada pelo artista plástico Fábio Sampaio, a fim de estabilizar algumas estruturas em risco de desabar. A restauração foi custeada pelo Governo do Estado, por meio do Banese, consistindo na revitalização da armação metálica do farol[19].Para isso, foi contratada a empresa especializada Jedida Projetos e Manutenções Industriais Ltda, sediada em Salvador.

O Rádio Farol de Sergipe diferente do seu antecessor, apresenta um outro modelo arquitetônico ligado a construção em alvenaria. Seu formato de torre é quadrangular com 40 metros de altura e comportam um aparelho

luminoso com alcance de 38 milhas náuticas (70,376 km). Essa estrutura faroleira leva um estilo arquitetônico que nos lembra das construções de origem neoclássica, que marcou na arquitetura de equipamentos urbanos do período imperial, e uma pintura intermitente em preto e branco. (Ver figura 3) Vale frisar que sua perspectiva estética atual foi fruto de um concurso de desenho que foi realzado pelo poder publico na rede de ensino, mostrando uma integração da sociedade na concepção desse espaço.

Figura 3 - Rádio Farol de Sergipe (10°58'10.92"S 37° 2'10.45"O)

*Fonte: Davisson S. Oliveira, 2013.*

Mesmo com sua aparência remetendo a séculos anteriores, esse farol moderno, agrupou em seu conjunto de equipamentos, a lente de modelo Fresnel do antigo Farol de Sergipe que foi agregada aos atuais mecanismos de geo-referenciamento do século XXI como, por exemplo, os sistemas de radio comunicação, o sistema GPS (Sistema de Posicionamento Global) e o GMDSS (Sistema Global de socorro e segurança maritima, tradução do inglês).

Figura 4 - Farol de São Cristóvão. (11° 7'48.86"S 37° 8'42.18"O)

Fonte: Davisson Oliveira, 2013.

No caso do Farol de São Cristóvão (ver figura 4), o terceiro dos faróis de Aracaju, a ser estudado, ele foi construído em 1995 na foz do rio Vaza-Barris, numa região estratégica para evitar pontos escuros na costa, entre o Rádio Farol de Aracaju e o Farol de Mangue Seco[20].

O farol possui 40 metros de altura com alcance de 23 milhas náuticas (42,596 km), tem sua armação montada em pré-moldado, com sua forma quadrangular, base branca com duas listras encarnadas. Tanto o formato quanto as cores identificam e distinguem os faróis entre si, assim, como o tipo de sinal luminoso emitido que no caso do Farol de São Cristóvão são dois lampejos simultâneos mais um intermitente.

Segundo Ney Dantas[21] antes do advento tecnológico de automação dessas estruturas no séc. XX era necessária a presença humana. Em relação aos representantes da cultura material estudada na pesquisa, notamos diferenças pontuais a serem destacadas, como por exemplo: a casa do faroleiro no Farol de Aracaju que foi projetada na Europa, como uma caixa metálica integrada à torre Mitchell (ver figura 5). Todavia, devido a estrutura ser toda composta de ferro, poderia não existir o minimo de conforto térmico para ser habitada em clima tropical brasileiro, visto as altas temperaturas que deveriam ocorrer no interior da mesma. A análise das fontes iconográficas antigas sobre o farol comprova o predomínio de um ambiente de dunas, marcado muito provavelmente por um intenso calor, o que nos levam a considerar a hipótese de que uma outra estrutura pode ter sido erguida para abrigar os faroleiros e suas

famílias, sendo o tubulão de metal, orignalmente pensado para ser a "casa do faroleiro", apenas um depósito de material e combustível.

Em relação ao Rádio Farol de Sergipe de 1991, observamos um verdadeiro parque arquitetônico composto tanto pelas edificações destinadas ao trabalho, como o farol, a torre de rádio e as dependências anexas destinadas à sua manutenção e administração, quanto pelas duas estruturas residenciais propriamente ditas. Todo o complexo, por encontrar-se não mais em uma zona isolada, mas sim no meio de uma área urbanizada, é cercado por um amplo muro que restringe o acesso de pessoas não autorizadas pela Marinha.

A análise comparativa das diferentes estruturas faroleiras nos possibilitou a formulação de algumas considerações interessantes. Em primeiro lugar, as características tecnológicas do primeiro farol de Aracaju, que, como dito, representavam o que havia de mais desenvolvido na época, são um claro indicativo da importância do trânsito marítimo como estrutura de sustentação não apenas de relações comerciais pontuais, mas da própria sociedade de um modo geral durante o século XIX. Pelos mares e rios transitavam tanto bens de consumo cotidiano, como o produto das atividades de várias categorias profissionais, assim como pessoas e idéias. No que se refere ao farol de Sergipe, esse importância funcional pode ser medida materialmente através da presença das referidas torre Mitchell e da lanterna com lentes de fresnel.

Ainda no tocante à essa unidade faroleira, essa mesma identificação com altas tecnologias precisa também ser entendida enquanto uma expressão simbólica do poder de um novo Brasil em processo de estruturação, um Brasil que se pretendia moderno e progressista, delineado ainda no Império, como indica a cronologia da encomenda dos equipamentos, mas que teria na República sua maior propagandista.

Essa função simbólica/funcional da tecnologia faroleira, no entanto, se inverte quando analisamos o conjunto arquitetônico do atual Rádio Farol de Sergipe, na Coroa do Meio, fruto dos contextos da virada do século XX para o XXI. Ali, o advento dos equipamentos GPS e GMDSS fizeram com que a orientação atráves da luz dos farois passasse a ficar em segundo plano, enquanto instrumento de orientação náutica. Isso se reflete em tanto no seu equipamento de iluminação, quanto na sua própria configuração arquitetônica. Assim, mesmo em pelo final do século XX, quando inaugurada, essa estrutura faroleira foi equipada com o mesmo sistema elétrico e lentes Fresnel que operavam no antigo farol de Sergipe desde o século XIX. Essa política de reaproveitamento de um equipamento com mais de cem anos contrasta profundamente com as ações tomadas nos oitocentos.

A diminuição de sua importância técnica enquanto instrumento de navegação foi compensada, por outro lado, pela valorização de seu papel simbólico enquanto marco paisagístico. Nesse sentido, ainda que o rádio farol não possa ser classificado como uma atração turística propriamente dita, podemos dizer que ele incorpora essa perspectiva cultural de forma premente. Enquato o antigo Farol de Aracaju e o Farol de São Cristóvão estão localizados, cada um ao seu tempo, em espaços afastados do centro urbano e de díficil acesso, o Rádio Farol de Sergipe acabou por ser construído em plena malha urbana, em um dos centros turísticos importantes da cidade. Apesar de ser considerada área militar, visitas podem ser agendadas com antecedência. Além disso, a própria configuração da sua torre foi pensada a partir de uma perspectiva patrimonial, tendo sido realizado um concurso de desenhos junto aos alunos da rede pública de ensino para a definição de sua composição arquitetônica. Assim, diferentemente das duas outras estruturas faroleiras, que durante seu período operacional se mantiveram restritas à função de orientação náutica, o atual Farol de Sergipe assumiu de antemão, e não posteriormente, seu papel enquanto patrimônio cultural.

Por fim, um exercício comparativo entre os diferentes faróis náuticos abordados nos revela a progressiva automação desses equipamentos, retirando o aspecto humano da paisagem faroleira. Se no antigo farol de Sergipe e no Rádio Farol da Coroa do Meio a casa do faroleiro foi um elemento arquitetônico essencial desses equipamentos, tranzendo vida e personalidade aos mesmos, o chamado Farol de São Cristóvão se caracteriza por sua estrutura solitária, simplesmente operacional e de aspecto desolado.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir das análises feitas através das evidências materiais e fontes documentais e orais, este artigo buscou apresentar uma breve reflexão sobre as estruturas faroleiras aracajuanas, considerando-as enquanto manifestações materiais representativas de períodos históricos distintos, frutos de diferentes momentos políticos, econômicos e sociais. Assim, conjunturas diferenciadas deixaram variadas marcas na paisagem litorânea que foram aqui exploradas do ponto de vista da arqueologia de ambientes aquáticos. Mais do que estruturas funcionais de caráter monolítico e restritas às camadas profissionais do mundo náutico, esta primeira análise arqueológica das estruturas faroleiras de Aracaju revelou uma faceta mais complexa, marcada por constantes ressignificações calcadas em transformações que vão desde o caráter locacional associado a cada estrutura, seus elementos tecnológicos constitutivos, e o papel simbólico que deveriam desempenhar.

O percurso a ser trilhado pela Arqueologia no que se refere às análises das culturas faroleiras no Brasil é ainda muito longo. O potencial de estudo é enorme, tendo em vista ao grande número dessas estruturas ao longo do litoral brasileiro, mas ainda são poucos aqueles que têm se dedicado a voltar sua atenção para o universo marítimo e às camadas sociais a ele associados. Essa reflexão ainda nos leva a uma última consideração. Muitas dessas estruturas faroleiras são simplesmente abandonadas, quando perdem sua função primária, sendo-lhes negado o reconhecimento enquanto patrimônio cultural. Mesmo em unidades protegidas por mecanismos legais de preservação histórica, como é o caso do antigo farol de Sergipe, as ações encontram limitações sérias. Apesar de tombado e restaurado, o farol foi mais uma vez esquecido pelas autoridades, satisfeitas com a garantia de sua aparência temporária para a população, sem maiores preocupações em relação à sua manutenção futura. Isso ficou bem claro quando, durante os levantamentos realizados durante o curso nos vimos impedidos de acessar o interior da referida estrutura, pois a chave do cadeado do alçapão de acesso não pode ser localizada em nenhum dos órgãos públicos que deveriam zelar por esse patrimônio. Assim sendo, este artigo se propõe a ser um pequeno, mas importante passo no sentido de contribuir para a superação dessas limitações e para chamar a atenção para esse patrimônio náutico tão carente de atenção e respeito.

**AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, gostaríamos de agradecer ao Prof. Dr. Leandro Domingues Duran por ter compartilhado de seus ideais de pesquisa, nos proporcionando adentrar na temática faroleira sob o ponto de vista da arqueologia de ambientes aquáticos, e por ter nos orientado na redação deste artigo.

Agradecemos também a Capitania dos Portos de Sergipe por ter nos autorizado adentrar a área militar onde estão localizados os Faróis. Uma menção especial deve ser feita ao Sargento Lima e ao Cabo Sousa por terem nos assistido durante as visitas ao farol de São Cristóvão e no Radio Farol de Sergipe, auxiliando na chegada e no acesso ao interior dos mesmos e por nos terem prestado importantes informações acerca de suas experiências enquanto faroleiros, o que muito contribuiu para uma melhor compreensão dessa temática.

Ao colega Daniel Martins Gusmão por ter aberto as portas de sua casa de modo a complementar o registro de campo das estruturas anexas aos faróis e por ter auxiliado durante as visitas técnicas aos faróis. Além dele, lembramos também do colega Luís Felipe Freire pelo suporte durante as atividades desenvolvidas durante o curso.

**BIBLIOGRAFIA**

ALEXANDER MITCHELL. **Alexender Mitchell *(Blind Engineer)*** Disponível em: http://irishscientists.tripod.com/scientists/ALEXANDE.HTM. Acesso em: 03/12/2013

BAEZ, Gustavo César Ojeda. **Faróis da Costa Nordestina: olhares geográficos e históricos sobre os Faróis Marítimos no Nordeste Brasileiro.** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010. 129 p.

CARON, Luana; LUNAZZI, José Joaquim. **Demonstração de Imagens reais utilizando Lentes de Fresnel.** Disponível em: _F895/F809/F809_sem1_2003/002003Luana-Lunazzi_f809_RF10_0.pdf> Acesso em: 09/12/2013

REIS, Almiro. **Histórico de Fharoes Existentes no Brasil e Organização Das Respectivas Repartições.** Rio De Janeiro: Imprensa Naval, 1913. (Registrado em 1996, e reimpresso pelo DHN, Rio de Janeiro, 1999).

DANTAS, Ney. **A História da Sinalização Náutica Brasileira e Breve Memórias**. Editora: Fundação de Estudos do Mar - FEMAR - Rio de Janeiro 2000. 838 páginas;

DURAN, Leandro Domingues. **Arqueologia marítima e um bom abrigo.** Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

FILGUEIRAS, Andréa; OLIVEIRA, Daniela; GUIMARÃES, Flávia; CAMPOS, Rosana; SILVA, Rooseman. **A revitalização do farol do bairro farolândia: Uma análise sobre a praça do farol e os Condicionantes de uso e de conforto ambiental.** Cadernos de Graduação – Ciências Humanas e Sociais, vol. 13, nº 13, p. 11-29, 2011.

MICHIGAN. State of. ***Lighting technology and fuels***. Disponível em: <http://www.hal.state.mi.us/mhc/museum/musewil/lghttech.html>. Acesso em: 10/12/2013.

RIBEIRO JR., A.; RAMBELLI, G.; SANTOS, L. F. F. D. **Antigo Povoado Cabeço: o primeiro sítio arqueológico subaquático cadastrado em Sergipe**. In: VII Workshop Arqueológico de Xingó (MAX/UFS), II Ciclo Internacional de Simpósios Temáticos e a II Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB)-Núcleo Regional Nordeste. São Cristóvão e Laranjeiras, 2012.

SILVA, Clodomir.**Álbum de Sergipe:**1534 - 1920.Aracaju, Se: s. n., [1920]. 320 p.

SIQUEIRA, Ricardo; DANTAS, Ney. **Luzes do Novo Mundo: história dos faróis brasileiros.** Rio de Janeiro, 2002. 208 p.

---

[1] Graduandos do Curso de Arqueologia Bacharelado pela Universidade Federal de Sergipe.

[2] Doutor em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. Atualmente é professor do Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe (DARQ-UFS), pesquisador voluntário associado do Centro de Arqueologia Náutica e Subaquática vinculado ao NEPAM da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e professor assistente da *Nautical Archaeology Society.*

[3] MICHIGAN, 2013.

[4] BAEZ, 2010, p.06; 63-64.

[5] DURAN, 2008.

[6] RIBEIRO, RAMBELLI; SANTOS, 2012.

[7] DURAN, 2008, p. 94.

[8] DANTAS,1999, p. 39.

[9] BAEZ, 2010, p. 59.

[10] Ver Decreto nº 358 de 14 de agosto de 1845.

[11] BAEZ, 2010, p. 60.

[12] DANTAS, 1999, p.48.

[13] DANTAS, 2002 no livro de Siqueira.

[14] PREFEITURA DE ARACAJU, 2009 *apud* Filgueiras et al 2011, p. 14.

[15] DANTAS, 2000, p. 27

[16] ALEXANDER MITCHELL, 2013

[17] DANTAS apud SIQUEIRA, 2002.

[18] FILGUEIRAS et al 2011.

[19] FILGUEIRAS et al, 2011, p. 16.

[20] Informação nos passada pelo Sargento Lima, faroleiro da Marinha do Brasil lotado na Capitania dos Portos de Sergipe.

[21] DANTAS, 2000.

Solicitar Uso Limitado deste Conteúdo

Editorial | Expediente | De Historiadores | Dos Alunos | Arqueologia | Perspectivas | Professores | Entrevistas

**Reportagens** | **Artigos** | **Resenhas** | **Eventos** | **Curtas** | **Instituições Associadas** | **Nossos Links**